



Conto de fada arretado: Modernidade e tradição em Cordel Encantado¹

Alexandre Borges Cavalcante²

Lícia Lara Dantas Barros³

Universidade do Estado da Bahia, BA

RESUMO

O presente artigo faz uma análise de como as vertentes da tradição e da modernidade estiveram presentes na novela das seis da Rede Globo, *Cordel Encantado*, durante sua exibição, de abril até setembro de 2011. Com fundamento em sociólogos como Karl Mark, Émile Durkheim e Umberto Eco, analisou-se diversos elementos da obra, desde as primeiras chamadas e a abertura, até a história e momentos específicos do produto. Comprovou-se que a novela trazia uma mistura harmonizada dos dois elementos, sem que um estivesse em detrimento do outro, e unindo as tradições nordestinas com a modernidade que o formato exige e com o campo dos contos de fada.

PALAVRAS-CHAVE: Cordel Encantado; Modernidade; Novela; Produtos midiáticos; Tradição;

APRESENTAÇÃO

Com o avanço cada vez maior da modernidade, a tradição acaba, por vezes, sendo deixada de lado. Algumas produções televisivas, contudo, procuram unir as duas vertentes, sem que uma esteja em detrimento da outra, com o objetivo claro de atingir uma meta estabelecida previamente ou somente apresentar uma união dos dois elementos.

A comunicação é uma peça chave nesse projeto, pois é a responsável por intermediar a discussão entre público e produtores, que é o que possibilita possíveis alterações necessárias para que se alcance a audiência e a repercussão esperadas. O presente artigo vem com o intuito de discutir e analisar o encontro entre modernidade e tradição nos produtos midiáticos.

¹ Trabalho apresentado na Divisão Temática da Intercom Júnior – Comunicação Audiovisual do XIV Congresso de Ciências da Comunicação na Região Nordeste realizado de 14 a 16 de junho de 2012.

² Graduando do 4º período do Curso de Comunicação Social – Jornalismo em Múltiplos Meios da UNEB, email: alexandre.bcavalcante@gmail.com

³ Graduanda do 4º período do Curso de Comunicação Social – Jornalismo em Múltiplos Meios da UNEB, email: licialara@gmail.com



O objeto aqui analisado é a telenovela “Cordel Encantado”, exibida de abril a setembro de 2011, no horário das seis da Rede Globo, escrita por Duca Rachid e Thelma Guedes. Para análise, foram consultadas obras de Emile Durkheim, Max Weber, Umberto Eco e Marshall Berman.

Tal escolha justifica-se no fato da cuidadosa reconstrução do sertão nordestino feita pela obra encontrar-se sempre numa linha tênue entre a modernidade exigida pelo formato de telenovela e a tradição que a temática nordestina exige, procurando – em alguns pontos – adequar costumes e histórias típicas da região, pela necessidade de se atingir a todo o tipo de audiência.

MODERNIDADE E TRADIÇÃO EM PRODUTOS CULTURAIS

A dualidade tradição/modernidade não é um produto natural e também não é algo que está presente na sociedade desde sempre. Pelo contrário. Ela surgiu a medida em que o mundo e suas relações evoluíram. Provocou mudanças sociais, políticas e econômicas na sociedade européia do século XVI e que continuam refletindo nos dias atuais (BERMAN, Marshal. Tudo o que é sólido se desmancha no ar: a aventura da modernidade. Schwarz Ed. SP, 1986). A Revolução Industrial trouxe ao mundo um novo modelo de produção, o capitalismo; a Revolução Francesa emergiu a razão, a ciência, o pensamento progressista.

Como consequência da modernidade, várias contradições passaram a ocupar espaço na vida humana. As guerras e o fortalecimento do narcisismo humano são os maiores exemplos de tal fato, pois o primeiro colocou em prova a razão guiando o homem ao progresso e o segundo expõe ao público o que antes era privado, além de tornar a regionalidade de cada um esquecida e dominada por produtos de massa.

Como forma de combater a influência da tecnologia, da imposição cultural dos grandes centros detentores do poder, a valorização dos produtos regionais ganhou força no século XXI e com isso, o fortalecimento das tradições se consolidou. O que fica visível no objeto de estudo do presente artigo é a preservação da tradição formal, a qual mantém o acervo histórico guardado, porém com algumas modificações, se enquadrando ao público moderno (BALANDIER, 1996).

Weber (1987) analisa essa modernidade no campo cultural considerando a autonomia que ela ganhou, graças à intelectualidade e a razão. O homem passou a



adotar uma nova postura diante do que vê: Agora ele considera que pode tirar conhecimento daquilo, pode entender melhor o mundo e o tempo no qual uma obra X é criada.

Isso se reflete claramente na produção de telenovelas. Cada vez mais se vê o gênero abordando questões sociais (homossexualidade, drogas, problemas mentais) ou retratando culturas diferentes. A telenovela tenta trazer aqueles assuntos para dentro da sociedade e discuti-los seja para uma conscientização ou até mesmo para tentar quebrar algum tipo de preconceito existente.

Um exemplo recente do encontro entre modernidade e tradição foi a novela “Araguaia”, exibida entre 27 de setembro de 2010 e 8 de abril de 2011. A obra, ambientada próximo ao Rio Araguaia, que nasce no estado de Goiás, trazia claros elementos dessa ambiguidade, mostrando os contrastes entre o urbano e o rural, a cidade e o campo, o moderno e o tradicional.

Umberto Eco aborda a estética moderna como uma dialética entre esquematismo e tradição, a qual se utiliza da repetição como valor estético, e da percepção familiar do destinatário na aceitação da obra. O autor também pensa no nascimento de um novo público, que já conhece a obra seriada e pretende apenas apreciar as variações oferecidas naquele novo produto.

As mensagens transmitidas nos objetos culturais podem cruzar com elementos tradicionais da sociedade e interagi-los a novidades ou ao estilo atual. Diante disso, a interação desses elementos enraizados no público com os mais novos pode produzir uma aceitação ligada à memória e gerar um produto mais facilmente aceito, por conter aspectos da cultura familiar ou regional, aliados as técnicas e formatos atuais, que prezam pela agilidade e espontaneidade desse produto.

CORDEL ENCANTADO E A ESTÉTICA DO SERIADO

A novela ‘Cordel Encantado’ da Rede Globo exibida no horário das 18 horas de segunda a sábado, é uma obra viva das contradições e dualidades da modernidade e tradição. A cultura nordestina – seja nas vestimentas retratando a vida no cangaço, a culinária, a moradia, a fala, a trilha sonora e hábitos religiosos – são vestígios da herança histórica no século XXI, bem como o aparecimento do cinema e de novos costumes trazidos do reino fictício de Seráfia são traços da modernidade.



O conto de fadas nordestino (como a novela foi chamada pela crítica especializada) se mostrou preocupado em unir os dois elementos, sem que um apareça em detrimento do outro. A seleção da trilha sonora é um exemplo. A grande maioria dos artistas é nordestina e conhecida nacionalmente como Luiz Gonzaga, Lenine, Gilberto Gil (que dá voz ao tema de abertura, junto com Roberta Sá), Caetano Veloso e Nação Zumbi. O caso da música “Candeieiro Encantado”, de Lenine, é ainda mais especial, pois a letra da canção trata da vida no sertão. Em outras produções da emissora, o número de nordestinos cantando não é tão expressivo assim.

A abertura é um retrato ainda mais forte de tal encontro. A sobreposição de imagens típicas da região nordestina como cactos e cangaceiros é unida com o recurso da computação gráfica e o casamento das duas vertentes funciona. Outro ponto que chama atenção é a forma usada para representar os personagens e situações, com desenhos que em muito lembram os que são usados para estampar capas de cordéis. Técnica parecida já havia sido usada nos *teasers* (Primeiras chamadas da novela, que exibem o argumento geral da história) da novela, narrados com sotaque nordestino e em muito lembrando as canções dos repentistas.

Tempos atrás, não era possível se usar de tais técnicas. Berman, em seus estudos sobre modernidade, a localiza, estuda e discorre sobre sua relação com o homem. “... resta muito pouco para o homem moderno executar, além de apertar um botão.” (BERMAN, 1986:26)

Muitos são os recursos técnicos utilizados na telenovela *Cordel Encantado*. A iluminação impecável, o posicionamento das câmeras e os detalhes nos cenários e objetos cênicos deixam a produção com um aspecto mais cinematográfico e agrada o telespectador, que se permite enxergar uma história de cangaceiros e princesas do ponto de vista de um verdadeiro conto de fadas.

A busca da perfeição visual está ligada a proposta de *Cordel Encantado* em trazer ambientes conhecidos pelo público, seja nos contos populares ou nas histórias infantis, e aliá-los a um tema regionalista em um formato já bem conhecido pelo público, que é a telenovela; elementos tradicionais e de recordação atrelados a inovações no formato da trama.

Assim como Umberto Eco (1989) conceituou em seu ensaio “A inovação no seriado”, a estética do produto precisa do conhecimento prévio do público para que haja maior aceitação, a audiência precisa reconhecer elementos do seu social dentro do que lhe está sendo apresentado.



Isso torna-se perceptível em *Cordel Encantado* quando se analisa a estrutura de roteiro no qual a novela foi alicerçada. Embora seja uma proposta inovada usar-se de um período atemporal e misturar reinos distantes com o sertão nordestino, o que guia a trama é o clássico folhetim, com a mocinha e o mocinho precisando enfrentar um mundo inteiro para conseguirem consumir seu humor.

A inspiração da novela em contos de fadas também é um exemplo do que Eco (1989) defende. Em uma das sequências da reta final da história, a princesa Aurora/Açucena toma uma poção criada por Úrsula e cai num sono profundo, sendo despertada apenas após um beijo de seu grande amor, Jesuíno, em uma clara referência a história da Bela Adormecida, conhecida por – pode-se dizer – praticamente toda a audiência. Se não o fosse, os acontecimentos certamente poderiam ser rejeitados por apresentarem fatos “irreais”.

A estética de *Cordel Encantado* também permite a desconstrução de personagens nordestinos perdidos na cidade grande, ou batalhadores que foram ganhar a vida na capital. Na novela são traçados diversos perfis para os moradores da fictícia Brogodó. Entre os personagens existem os mais favorecidos economicamente, os corruptos, os heróis, as mocinhas, os vilões. Esses perfis não homogeneízam uma forma para o nordestino, pelo contrário, os diferenciam desde seus traços físicos até o caráter de cada um.

A modernidade para Max Weber (1987) trás exatamente essa noção perceptiva através da razão, onde o homem é capaz de desconstruir elementos sociais com o conhecimento e desligamento de pré-conceitos oriundos do seu meio social. Em *Cordel Encantado* o trabalho realizado pela equipe cuidou em mostrar os elementos tradicionais da cultura nordestina de forma natural e condizente com a história, não como espetáculo a parte ou manifestações exóticas.

A cena em que o personagem Jesuíno, mocinho da trama, planeja vingança contra o vilão Timóteo está integrada com uma apresentação da congada, movimento folclórico introduzido pelos negros em que se dança e canta louvores aos santos pelas ruas e praças da cidade, originário de festas religiosas e presente em vários estados do Brasil (COSTA, 2006). A sequência introduz um elemento cultural tradicional brasileiro de forma harmoniosa com o intuito da cena, que era mostrar os personagens escondidos dentro do cortejo, deixando transparecer a familiaridade dos mesmos com o movimento e ressaltando a direção minuciosa da produção em não arranhar o jogo entre elementos modernos e tradicionais.



As crenças religiosas reforçam ainda mais a presença da tradição na vida humana. A figura do messias que guiará as pessoas para a salvação, representado em Cordel Encantado pelo profeta Miguézim, demonstra a necessidade do homem em ter algo para manter a coesão social, descrita por Durkheim (1991).

Para aquele autor, a modernidade fez com que o homem abrisse mão de diversos fatores tradicionais, como a família, para se adaptar as mudanças sociais impostas, já que o papel do mesmo deveria ser o de trabalhador, o que causou um isolamento social. E a religião é o refúgio para alguns, pois as celebrações dominicais propiciam àquele se enxergar como parte da sociedade.

Isso reforça ainda mais a tradição descrita por Balandier (1976), repassada de geração a geração e ainda faz um contraste com as novidades trazidas do reino de Seráfia: novos costumes, vestimentas e comportamento. Mas é curioso se observar também que até no dito reino há conservação da tradição. Ele tem sua sociedade baseada em estamentos, descritos por Durkheim, na qual há conservação dos títulos de nobreza.

O argumento central da telenovela também remete ao tradicionalismo que deve ser mantido. No começo da história, foi firmado um acordo entre os reinos de Seráfia do Norte e Seráfia do Sul, que proclamava a paz entre ambos. Paz essa que seria selada efetivamente anos depois, com o casamento da Princesa Aurora e do Príncipe Felipe. Quando se descobre que a princesa está viva e morando no sertão, toda a comitiva de Seráfia vai até Brogodó disposta a encontrá-la e, depois disso, celebrar o casamento entre os dois.

Mesmo em sua cena final, Cordel Encantado não deixou de lado suas inspirações. Toda a construção da última sequência trouxe elementos tipicamente nordestinos, especialmente os cordelistas em uma roda, recitando um cordel que contava, de forma resumida, a história central da novela: O amor entre a princesa de Seráfia e o príncipe do cangaço. O agradecimento das autoras aos “poetas populares do nordeste” que inspiraram a obra é a prova final de que Cordel Encantado foi, sim, uma união viva entre modernidade e tradição.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O estudo de tradição e modernidade é contínuo e não se restringe apenas ao objeto proposto. A humanidade está em constante evolução e novos conceitos são



construídos de acordo com sua necessidade. Aqueles elementos, apesar de parecerem paradoxais, se completam, são concomitantes. Na análise feita, observa-se tal limitação reforçada por três teóricos.

Assim como Berman havia dito, ao passo que novas tecnologias e comportamentos são impostos à sociedade, alguns valores permanecem, sendo legadas às novas gerações, o que se reflete na produção de telenovelas,

A identificação descrita por Eco está presente não apenas no figurino e trilha sonora, feita em sua maioria por artistas nordestinos. Encontra-se também no comportamento das personagens da cidade de Brogodó e no cangaço. Constrói-se a imagem dos nordestinos como eles realmente são obtendo assim grande aceitação por parte do público.

Público esse que não se restringe apenas ao que se identifica com as personagens. O sucesso de audiência da telenovela (que obteve a maior média geral do horário desde “O Profeta”, que foi ao ar entre 2006 e 2007) se deve pelo fato do público ter aceitado a inovação estética e narrativa da novela. Tal fato se encaixa na descrição de Weber do que é moderno, havendo a desconstrução do preconceito com o que vem de outros estados, principalmente do Nordeste (onde a audiência foi expressivamente maior).

O presente artigo se limitou a analisar como as vertentes da modernidade e da tradição foram dispostas na telenovela, mas as possibilidades de estudo sociológico que podem ser feitas a partir do estudo do referido objeto são muitos, indo do choque cultural entre o povo sertanejo e a corte imperial até os elementos de contos de fada inseridos no produto.

REFERÊNCIAS

BALANDIER, Georges. **Ordem tradicional e contestação em Antropológicas**, Edusp/Cultrix, São Paulo, 1976.

BERMAN, Marshal. **Tudo que é sólido desmancha no ar: A aventura da modernidade**. São Paulo: Companhia das Letras. 1986.

COSTA, Patrícia Trindade Maranhão. **As raízes da Congada: a renovação do presente pelos filhos do Rosário**. Brasília, 2006.



DURKHEIM, Émile. **As regras do método sociológico**. 4ª Edição, Lisboa: Presença, 1991

ECO, Umberto. **Sobre os espelhos e outros ensaios**. Trad. Beatriz Borges. Editora: Nova Fronteira. Rio de Janeiro, 1989.

WEBER, Max. **A ética protestante o espírito do capitalismo**. São Paulo, Pioneira, 1987.